

FACES DA VIVÊNCIA COM DISCALCULIA: UMA DISCUSSÃO DE EXCERTOS DE NARRATIVAS MÃE-FILHA

Lara Fernanda Leonel Ramires ¹
Fernanda Malinosky Coelho da Rosa ²

RESUMO

Neste artigo, apresentaremos um recorte de uma dissertação de mestrado que tem por objetivo investigar as vivências de estudantes com discalculia nos espaços escolares. Para tanto, para a dissertação realizamos sete entrevistas semi-estruturadas de maneira individual com três crianças com discalculia, suas mães e a psicopedagoga do Grupo de Atendimento Psicopedagógico (GAPSI). No que segue, neste trabalho, analisaremos excertos de duas entrevistas: Marta, aluna com Discalculia, e de sua mãe, Joana, a fim de discutir a relação mãe-filha-discalculia. Como considerações, compreendemos que a discalculia sem o acompanhamento de profissionais, familiares e amigos pode ser agravante e desencadeador de inseguranças que podem acarretar timidez e baixa autoestima. Nesse sentido, evidenciamos a importância do atendimento do psicopedagogo no contraturno para chegar no diagnóstico, seja ele de dificuldade de aprendizagem ou de algum transtorno específico, orientando os pais a prosseguirem com o processo, mesmo que demorado. Por fim, há a necessidade de discutir a inclusão escolar em seu sentido mais amplo.

Palavras-chave: Educação Matemática, Direitos Humanos, Narrativas, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A Educação Matemática Inclusiva se configura como um poderoso instrumento para tornar a educação mais justa e equitativa, ampliando a visibilidade e o fortalecimento das lutas sociais por esse direito. Diante do exposto, compreendemos, por meio de revisão bibliográfica de teses e dissertações, leituras e entrevistas, a importância de discutir essa temática na sociedade e alcançar mais ambientes em prol das vivências das pessoas com Discalculia do Desenvolvimento (DD). Por fim, propomos ao leitor refletir como esta temática se apresenta em seu cotidiano.

Sendo assim, apresentamos brevemente que a Discalculia do Desenvolvimento (DD) tem origem intrínseca e neurobiológica, afetando o potencial em habilidades matemáticas. Nos propomos a refletir como a inclusão desses estudantes na cidade de

¹ Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, lara.fernanda@ufms.br;

² Professora orientadora: Doutorado em Educação Matemática. Professora Adjunta do Instituto de Matemática - UFMS, fernanda.malinosky@ufms.br.

Campo Grande/MS, visando à Lei Federal nº 14.254/2021, que garante direitos às pessoas com Transtornos Específicos de Aprendizagem.

Cabe dizer que a lei supracitada partiu do Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 402, a qual foi apresentada em 2008 pelo ex-senador Gerson Camata, do Espírito Santo (ES), aprovada pela Câmara dos Deputados em 2018 e sancionada em 2021, desempenhando um papel crucial incluso na garantia dos direitos humanos. Foi uma importante conquista em prol de abranger e "garantir o acesso e a participação de todos, a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo e/ou grupo social" (Aranha, 2004, p. 8).

Neste sentido, consideramos que a apresentação dessa lei é importante e contribui para a compreensão dos direitos de todos os indivíduos com transtornos específicos de aprendizagem, como dislexia, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), disortografia, disgrafia, transtorno de aprendizagem não verbal (TANV) e transtorno do processamento auditivo central. No que segue, apresentaremos o conceito de Discalculia.

“TENHO VÁRIOS ALUNOS COM DIFICULDADE EM MATEMÁTICA, ISSO É DISCALCULIA?”

Iniciamos a seção usando como título a frase que mais ouvimos quando mencionamos o tema da pesquisa. Em processo de trâmites com o projeto para o Comitê de Ética, escuto por meio de uma ligação: *“Será muito fácil você encontrar pessoas com Dificuldade de Matemática”*, a partir disso ressalto a importância de estabelecer a diferença entre a Discalculia do Desenvolvimento (DD) e a dificuldade de aprendizagem, que é algo que ainda tem causado confusão e deve ser explicado. Nesse sentido, ambos impactam no potencial de aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno, no entanto, eles se diferenciam no que ocasiona o afetamento das habilidades em matemática.

Dessa forma, de acordo com Relvas (2011, p. 58) “[...] dificuldade de aprendizagem é definida como resultado de algumas falhas intrínsecas ou extrínsecas do processo de aprendizagem”, que podem estar relacionadas com a escola tanto no que diz respeito às condições físicas do espaço e à metodologia utilizada pelo professor, como estar relacionado família, aos seus hábitos e atitudes ou a falta de oportunidades. Além disso, pode estar relacionada também “[...] a situação de

defasagem na aprendizagem, ou seja, estar diante de algo que pode ter natureza afetiva, cultural, cognitiva, funcional ou uma combinação desses fatores” (Paiva e Azevedo, 2009, p. 9).

Já a Discalculia do Desenvolvimento, conforme Kaufmann et al. (2013, p. 4), é um: “[...] um distúrbio heterogêneo resultante de diferenças individuais no desenvolvimento ou função nos níveis neuroanatômico, neuropsicológico, comportamental e interacional”. Esses mesmos autores destacam ser importante a compreensão dessas diferenças no perfil do estudantes com DD, pois podem auxiliar no processo de avaliação e intervenção (Ibidem).

Ainda, de acordo com Kaufmann e von Aster (2012), os estudantes apresentam graves comprometimentos nas habilidades numéricas básicas de forma permanente, mesmo tendo capacidade intelectual dentro do esperado e acesso à educação. Para esses mesmos autores, esses pontos podem ser observados por meio de: “[...] testes psicométricos padronizados que revelam baixa capacidade de cálculo, apesar da inteligência normal” (Kaufmann; von Aster, 2012, p. 769).

Nesse contexto, outro aspecto distintivo é a reação à intervenção. Por exemplo, nos estudos de Desoete et al. (2012), observou-se que durante a pré-escola, as crianças demonstram imprecisão na comparação de objetos e números, essa dificuldade tende a persistir em alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

No entanto, no segundo ano do Ensino Fundamental, mesmo após intervenções a longo prazo, os alunos com DD continuam a enfrentar desafios, isso indica que, as intervenções a longo prazo resolvem as dificuldades de aprendizagem, mas aqueles com DD continuarão necessitando de estratégias de apoio especializado (Desoete et al., 2012). Desse modo, as dificuldades da Discalculia são persistentes, já nos primeiros anos escolares, mesmo após estímulos, o acadêmico estará abaixo da média da idade (APA, 2014).

Ademais, a DD apresenta outros aspectos que são ancorados no Consenso Internacional que adota para a condição os termos DD primária que é quando as habilidades não estão associadas à dislexia ou outro transtorno (Kaufmann et. al, 2013). Já a DD secundária, está interligada ao comprometimento numérico e não numérico, ou seja, associado a outras habilidades, podendo ser visuoespaciais que dizem respeito à posições como direita, esquerda ou a localização; a memória de curto prazo, que traz dificuldade de memorização de trajetos de teoremas (Ibidem).

Nesse sentido, segundo APA (2014), o diagnóstico é clínico e baseia-se na compilação do histórico médico, de desenvolvimento, educacional e com os pais do estudante e tem duração mínima de seis meses para se chegar a um parecer final. Sendo assim, uma avaliação abrangente é necessária, pois um único conjunto de dados não é suficiente para diagnosticar uma pessoa com discalculia.

Nas leituras realizadas, buscamos respostas que nos deixassem com certezas, porém a realidade é que a Discalculia tem diversas facetas e muito a ser estudado e explicado com objetividade, tanto em maneiras na forma de ensinar quanto em formas de identificação da causa. Kaufmann e Von Aster (2012, p. 771) realçam que “A DD não é unitária e nem uniforme é possível estabelecer subtipos que podem ser sistematicamente classificados com base em suas etiologias, bases neurais e representações cognitivas, bem como em seus níveis de habilidade”

Ainda, há de ser considerado que existem perspectivas as quais consideram a Discalculia, não como um fator apenas biológico, mas também cultural e social. Dessa forma, mesmo estando no Classificador Internacional de Doenças-10 (CID-10) não é uma doença e não tem tratamento, mas deve haver apoio psicopedagógico após o diagnóstico realizado com uma equipe multidisciplinar que contempla, psicopedagogo, psicólogo, neurologista e outros profissionais que o aluno precisar.

Nesse sentido, compreendemos que a diversidade humana é composta por inúmeras narrativas intrincadas com os seguintes aspectos: formação da identidade e reafirmação da autoestima e da autoimagem da pessoa com Discalculia que se propõe a desvendar as várias formas de ser uma pessoa com discalculia dentro de uma sociedade ainda normalizadora e estigmatizadora.

Na busca pela inclusão, do movimento de garantir que cada indivíduo, independentemente de suas circunstâncias, tenha acesso equitativo a oportunidades e recursos, a Lei federal n.º 14.254 de 30 de novembro de 2021 é sancionada trazendo seis artigos, porém abordarei apenas os cinco primeiros especificamente, são eles: o dever da escola em acompanhar a identificação precoce, qual prática utilizar, o que fazer com os alunos com Discalculia e qual tipo de atendimento educacional ter.

Essa lei desempenha um papel fundamental, pois traz o estabelecimento de deveres que alunos e professores têm dentro do ambiente escolar. Neste contexto, observamos que os quatro primeiros artigos compreendem os direitos dos alunos e o 5º do professor. O artigo 1º preconiza que “O poder público deve desenvolver e manter programa de acompanhamento integral para educandos com Dislexia, Transtorno do

Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem” (Brasil, 2021). Esse acompanhamento é definido como um conjunto de ações que incluem a identificação precoce do transtorno, o encaminhamento para diagnóstico, suporte educacional adequado dentro do sistema de ensino e apoio terapêutico especializado disponível na rede de saúde.

Além disso, no diz respeito aos direitos do professor da Educação Básica, Brasil (2021), no artigo 5º, disserta que os sistemas de ensino devem garantir acesso à informação, quanto aos encaminhamentos possíveis para atendimento multissetorial e formação continuada para capacitá-los à identificação precoce e para o atendimento educacional escolar dos educandos.

Contudo, com o cumprimento dessa lei, o papel do laudo passa a ser outro além de garantir direitos, também mostra a importância do autoconhecimento para o desenvolvimento da aprendizagem e do ensino. O laudo desempenha um papel vital, pois é o primeiro passo para reivindicar direitos em outros ambientes que não sejam a Educação Básica, no entanto, mesmo com um diagnóstico confirmado e um laudo em mãos, a reivindicação desses direitos pode ser um desafio.

Este artigo é o recorte de uma pesquisa em andamento que será apresentada na seção seguinte.

APRESENTANDO A PESQUISA EM ANDAMENTO

A pesquisa, em andamento, tem por objetivo discutir as trajetórias escolares de alunos com Discalculia em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Para tanto, adotamos a perspectiva teórico-metodológica da Teoria Histórico-Cultural, que se entrelaça com a Discalculia ao considerar os aspectos históricos e culturais que influenciam o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem matemática.

Com o objetivo supracitado, primeiramente procuramos escolas que tenham estudantes com Discalculia dispostos a participar da pesquisa, visando compreender melhor suas experiências e desafios acadêmicos. Neste contexto, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) encontramos alguns casos no município e entrevistamos sete pessoas, sendo três estudantes - um que estuda em rede privada e dois que estudam em escolas públicas -, as respectivas mães desses alunos e a psicopedagoga do Grupo de Atendimento e Psicopedagógico (GAPSI).

Cabe explicar que o GAPSI é um projeto que visa à Intervenção psicopedagógica no ambiente escolar da Rede Municipal de Ensino- REME de Campo Grande/ MS para alunos com dificuldade de aprendizagem e alunos com Transtornos Específicos de aprendizagem. Ademais, a intervenção é realizada por uma psicopedagoga que realiza atividades no contraturno com os alunos e que orienta os pais em como prosseguir caso houver a suspeita que a dificuldade do aluno é advinda de um transtorno.

Como procedimentos metodológicos realizamos as entrevistas por meio de um roteiro semiestruturado como instrumento de produção de dados a qual de acordo com Manzini (2004, p.21):

[...] possui um roteiro de perguntas básicas previamente estabelecidas e que fariam referência aos interesses da pesquisa. Ela difere da estruturada pela sua flexibilidade quanto às atitudes e compreensão do pesquisador, podendo ou não alterar as perguntas no decorrer das respostas dadas.

Dessa maneira, a flexibilidade da entrevista semiestruturada é vantajosa para produção de dados com pessoas com Discalculia, pois permite que o pesquisador adapte as perguntas de acordo com o nível de compreensão e as necessidades individuais do entrevistado.

Diante disso, de acordo com o objetivo geral da dissertação, optamos por realizar entrevistas individuais, pois conforme Gaskell (2015, p. 78)

Com um entrevistado apenas, podemos conseguir detalhes muito mais ricos a respeito de experiências pessoais, decisões e sequência das ações, com perguntas indagadoras dirigidas a motivações, em um contexto de informação detalhada sobre circunstâncias particulares da pessoa.

A partir daí, foram feitas sete entrevistas - três alunos com Discalculia, suas respectivas mães e uma psicopedagoga do GAPSI -, com seus respectivos roteiros semi estruturados, para tanto foi utilizado o *Google Meet* e o gravador do celular para os momentos em que a internet oscilava. Além disso, para a transcrição da entrevista foi utilizada a extensão do *Google Chrome* chamada *Tactiq* e o transcritor do *Word*.

Neste artigo, traremos apenas seis excertos da entrevista de duas participantes: Joana e Marta, codinomes escolhidos pelas participantes, sendo elas mãe e filha respectivamente. Cabe explicar que, por conta do espaço de escrita, optamos por trazer apenas dois dos sete colaboradores da pesquisa.

“SÓ VAI LEVAR UM POUCO MAIS DE TEMPO³”: RELAÇÕES MÃE-FILHA-DISCALCULIA E ALGUMAS COMPREENSÕES

Iniciamos essa seção falando um pouco sobre mãe e filha. Maria tem 12 anos e gosta de jogar basquete, cozinhar e, por vezes, usa de estimativa para cozinhar ou pede auxílio da mãe, Joana, para auxiliá-la com receitas. Joana participa ativamente das atividades escolares desde as séries iniciais do ensino fundamental e relata que notou algumas mudanças:

[...] ela sempre foi o ser dominante a líder de sala, todo mundo acompanhava ela nas bagunças nas brincadeiras. E quando passou para fase realmente mais séria de alfabetização, como o 1º ano e 2º ano, nós notamos que ela ficou um pouco mais retraída. E eu fui observar o porquê ela não estava saindo bem na aprendizagem então aquele ser dominante que era sempre o líder de tudo se tornou retraído (Excerto da entrevista de Joana).

Identificamos acima uma mudança comportamental significativa durante a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, de acordo com Cassoni et. al (2018, p. 2, tradução nossa), é um período em que “Alunos entre dez e treze anos vivenciam um período de mudanças físicas, cognitivas e interpessoais significativas”.

No entanto, a Teoria Histórico-Cultural, segundo Carbonieri *et al* (2020, p. 2), “nega a possibilidade de estabelecer fases ou estágios naturais universais, válidos para todos os indivíduos, em todo e qualquer lugar e tempo”⁴, ou seja, essa perspectiva contesta a ideia de que todas as crianças passarão pelas mesmas etapas de desenvolvimento de maneira uniforme, reforçando que o desenvolvimento é um processo individual é influenciado por múltiplos fatores contextuais e pessoais.

Essa mudança em relação a falta de confiança que pode implicar na timidez é confirmada por Marta quando ela diz: “*me considero tímida e isso me atrapalha porque eu deixo de perguntar para os professores e não tiro minhas dúvidas, não me sinto à vontade para perguntar por causa da vergonha*” (Excerto da entrevista de Marta).

Neste contexto, segundo Machado, Facci e Barroco (2011), Vygotsky acreditava que através da interação social e do uso da linguagem, Marta poderia desenvolver maior confiança e habilidades comunicativas, o que facilitaria sua participação ativa no ambiente escolar.

³ Excerto apresentado pela Joana ao ser questionada sobre qual recado gostaria de deixar a outras pessoas com Discalculia.

Além do mais, o excerto de Marta mostra que a timidez pode afetar o aprendizado, por causa da vergonha que ela sente ao fazer perguntas aos professores, sendo assim, realçamos a importância do apoio e da mediação de professores, e também de colegas, para ajudar a superar sua timidez.

A mãe, Joana, explica o contexto em que se iniciou a investigação por meio da escola que tem o Grupo de Apoio e Atendimento Psicopedagógico- GAPSI:

Já em 2020 entrou na pandemia e tive que alfabetizar ela em casa. Aos trancos e barrancos, não foi de uma forma muito confortável. Até porque eu não sou Alfabetizadora, sou professora de Artes. E durante esse período ela foi fazendo os testes e nós descobrimos então que ela tinha um combo. Além da Discalculia, tem Dislexia e TDAH (Excerto da entrevista de Joana).

Neste hiato, o período de alfabetização de Marta, foi um momento atípico de encerramento das aulas em escolas que afetou mais de 90% dos estudantes do mundo no período de 2020-2021 (Unesco, 2020), desse modo, conforme a Teoria Histórico Cultural, as condições do momento, além da questão neurobiológica da Discalculia do Desenvolvimento, impactam negativamente na aprendizagem de diversos alunos nesse momento e não apenas em Matemática.

É explícito neste contexto a importância dos profissionais que estão na escola trabalharem em conjunto, Marta conta que recebe “[...] *atendimento no Grupo de Atendimento Psicopedagógico e parece que eu melhorei bem*”. Sendo assim, o grupo mencionado por ela é o GAPSI que tem uma sala nessa escola que ela estuda para realizar o atendimento no contraturno com uma psicopedagoga. Essa profissional realiza testes para investigar se é uma dificuldade de aprendizagem ou um transtorno, trabalhando, concomitantemente, com neurologistas e outros especialistas, como fonoaudiólogo, psicólogo, se for necessário.

Sobre a percepção após a identificação, Marta diz que: “*Meu sentimento de saber que tenho Discalculia foi de indiferença por não ser igual aos outros, e eu sinto dificuldade*” (Excerto da entrevista de Marta). Podemos inferir que a forma de ser do outro é influenciada pela cultura da normalização do sujeito, a normalidade retrata “a constituição de um padrão que assegura às pessoas que estão contidas nele uma certa proteção, segurança, continuidade, e, portanto, sobrevivência” (Schirato, 2020, p. 2).

Sendo assim, pensar alguém na diferença é pensar em alguém sem proteção sem segurança e assim “Para toda fragilidade e/ou diferença existe uma ordenação” (Orrú, 2017, p.19). Nesse sentido, a pessoa com Discalculia do Desenvolvimento pode

apresentar algumas dificuldades para além das operações básicas, contas realizadas na escola e questões socioemocionais. Sobre o assunto, Marta diz:

Fora da sala de aula não tem uma atividade que eu percebi que não dava conta por causa da Discalculia, mas é que eu tinha que fazer um projeto aqui na escola e tinha que fazer movimentos de esquerda, direita e meia volta volver, essas coisas. Não conseguia eu fazia para o lado errado. Quando eu vou andar de bicicleta, às vezes, confundo a direção também se alguém fala para eu virar para direita ou esquerda (Excerto da entrevista de Marta).

Ela narra uma atividade que ocorreu na escola onde estuda e aponta a dificuldade que teve em relação à lateralidade e o quanto é complexo para ela andar de bicicleta, por exemplo, a Discalculia influência em toda interação e percepção com o mundo, pode afetar também a memória visuoespacial e “a percepção espacial à orientação no espaço e ao planejamento de rotas” (Galera, Garcia, 2015, p. 17).

Neste contexto, Baddeley (2012) aponta que a memória operacional ou de curto prazo está estreitamente ligada com a visuoespacial pelo fato de ser responsável pela retenção temporária, e pelo processamento da informação durante a realização de atividades cognitivas complexas.

Por fim, a partir dessa análise podemos concluir a importância das políticas públicas educacionais e o impacto que ela tem quando sai da teoria para prática, como o exemplo da criação do Grupo de Apoio Psicopedagógico (GAPSI), não podemos dizer que essas mudanças nas escolas foram devidas a lei nº 14.254/21, pois ela foi aprovada posteriormente a essa iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande/MS.

No decorrer da investigação para a elaboração do laudo, o apoio da mãe foi importante, bem como o suporte da escola e da psicopedagoga do GAPSI. Foi por meio da escola que Joana procurou suporte de profissionais, como psicólogos e neurologista, além de ter que lidar na escola com o desânimo de Marta diante de suas dificuldades na disciplina de Matemática, que por vezes eram agravadas pelo *bullying*.

O diagnóstico de DD levou a mãe a reinterpretar os comportamentos da filha, pois, além de esclarecer o motivo das dificuldades e apontar possíveis encaminhamentos, ela entende que a pessoa com Discalculia necessitará de adaptações e suporte contínuo na escola. Por fim, por meio da mediação do GAPSI, identificamos que a colaboração entre escolas, famílias e especialistas é essencial para assegurar os direitos dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo pretendíamos mostrar, entre outras coisas, que a Discalculia não se limita a uma dificuldade na disciplina Matemática, ela também está relacionada com dificuldades na lateralidade, na localização visuoespacial, na memória de curto prazo etc. Assim, apresentamos a legislação federal específica criada em 2021 e um grupo de apoio criado em Campo Grande/MS a fim de auxiliar famílias antes e após a identificação de necessidades educacionais específicas.

Assim, nas duas entrevistas que trouxemos na seção anterior, percebemos que a psicopedagoga que realiza os atendimentos no contraturno pelo GAPSI foi importante para que a escola conseguisse apoiar e possibilitar a identificação dos sinais da Discalculia e trabalhar em conjunto com a família para um diagnóstico preciso, trazendo recomendações sobre quais profissionais procurar. Neste contexto, a comunicação constante e eficaz entre Joana, Marta e a escola facilitaram o acompanhamento do progresso e a implementação de estratégias pedagógicas adequadas. A relação entre mãe-filha-escola foi essencial no processo de diagnóstico da Discalculia. A mãe, como primeira observadora dos desafios enfrentados pela filha, desempenha um papel crucial ao buscar apoio e compreensão dentro do ambiente escolar.

Além disso, é importante considerar o impacto emocional que os atendimentos do contraturno tiveram no desenvolvimento da confiança da Joana, pois ao saber que pode ser auxiliada em suas dificuldades em Matemática e sociais obteve motivação para aprender, o que reforça a necessidade de um ambiente de apoio que reconheça suas dificuldades sem estigmatização.

Dessa maneira, foi apresentado nesse trabalho uma das faces da discalculia, pois essa condição se apresenta de diversas maneiras que nem sempre incluem as dificuldades como localização visuoespacial como foi citada no relato de Marta. Ainda, cada tipo de Discalculia requer uma abordagem específica para as necessidades individuais do estudante.

Diante do exposto, foi revelado por meio do GAPSI, que é um projeto municipal, a importância de ter professores que entendam as necessidades e dificuldades dos alunos dentro das escolas. Sendo assim, a lei federal nº 14.254/21 é um marco importante para educação inclusiva no Brasil e é um exemplo de como os direitos humanos e a inclusão estão interligados. Ela não promove apenas a inclusão educacional, mas também reforça os direitos humanos, garantindo a todos os estudantes

oportunidades de aprender e se desenvolver, oportunizando a disseminação de informação sobre o assunto e contribuindo para a desconstrução de estereótipos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. Tradução: Joana Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.alex.pro.br/DSM_V.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2024.

ARANHA, M. S. F. (org.). Educação Inclusiva: a fundamentação filosófica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 18 mai. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm>. Acesso em: 21 de mai. 2024.

CARBONIERI, J.; EIDT, N. M.; MAGALHÃES, C.. A Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a gestão da atividade de estudo. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. e215280, 2020. Disponível em: <scielo.br/j/pee/a/97Tn9BTwb5zciPdPStGktzk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 24.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 64-89. Disponível em: <<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-te-xto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>>. Acesso em 22 de mai. 24.

KAUFMANN, L. et al. Discalculia numa perspectiva de desenvolvimento e diferencial. Fronteiras em Psicologia, v. 4, n. 516, 2013. Disponível em: <<https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/12682/>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

KAUFMANN, L.; VON ASTER, M. G. The diagnosis and management of dyscalculia. Deutsches Ärzteblatt International, n. 109, p. 767-778, 2012. Disponível em:

<<https://www.aerzteblatt.de/int/archive/article/132190/The-diagnosis-and-management-of-dyscalculia>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*. v. 16, n. 4, p. 647-657, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/?format=pdf>>. Acesso em: 25 out. 2024.

PAIVA, M. G. V.; AZEVEDO, P. G. Dificuldades de aprendizagem: enfoque psicopedagógico. Em: MONTIEL, José Maria.; CAPOVILLA, Fernando César. (Orgs.). *Atualização em Transtorno de Aprendizagem*. São Paulo: Artes Médicas, 2009.

RAMIRES, L. F. L. A experiência- descoberta da Discalculia: uma narrativa (auto)biográfica. 2020. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática-Licenciatura) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022. Disponível em:

<<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5622/1/Monografia%20-%20Lara%20Fernanda%20Leonel%20Ramires.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 24.

RELVAS, M. P. *Neurociência e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma Educação Inclusiva*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

SANTOS, F. H. *Discalculia do Desenvolvimento - Neuropsicologia na Prática Clínica*. São Paulo: Pearson Clínica, 2017.